

Paradoxo da verdade e limites da democracia. Nícias *versus* Alcibiades em Th. 6.8-26

Paradoxes of truth and limits of a democracy. Nicias *vs.* Alcibiades in Th. 6.8-26

BRENO BATTISTIN SEBASTIANI¹ (*Universidade de S. Paulo — Brasil*)

Abstract: From the indication of unpredictable *aitiai* that could result in *katálysis* of a democracy, the sequence of this text is subdivided in three other sections: in the second, the arguments of Nicias and Alcibiades in the antilogy recreated in Th. 6.8-26 are discussed. In the third, the question of the operational limits of Athenian democracy directly affected by that antilogy is discussed. In the final part, contemporary analogous problems are pondered after a brief and punctual discussion on key steps of the narrative of the *stásis* in Corcira (3.69-83).

Keywords: Democracy; Thucydides; Alcibiades; Autocracy

I

Tendo retornado da Sicília após anuir à conclusão de uma trégua geral que salvaguardava Atenas e a ilha contra agressões mútuas, os comandantes atenienses Pitodoro e Sófocles são condenados ao exílio e Eurimedonte, a uma multa pecuniária, no verão de 424/3 (4.65)². Tucídides então explica a razão das punições e enuncia uma observação cujas implicações atingiriam o ápice dramático muitos anos depois, quando os conterrâneos optarão por enviar a grande expedição contra a ilha em 415:

porque, tendo-lhes sido possível conquistar a Sicília, aceitaram suborno e se retiraram. Tanto se fiavam [i.e., os atenienses] da presente boa sorte que julgavam nada se lhe poder obstar, mas sim poderem igualmente realizar o possível e o

Texto recebido em 10.07.2019 e aceite para publicação em 05.01.2020. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (303442/2016-6). Parte da pesquisa foi desenvolvida quando atuei como Visiting Professor no Dipartimento di Scienze Umane da Università degli Studi dell’Aquila, Itália (2018-2019). Esta pesquisa também integra o projeto “Crises (*staseis*) e mudanças (*metabolai*). A democracia ateniense na contemporaneidade” apoiado por CAPES (Brasil) e FCT (Portugal) (2019-2020). Agradeço a todas as instituições.

¹ sebastiani@usp.br.

² São de Tucídides todas as citações sem indicação de autoria. São do autor todas as traduções.

impraticável fosse com preparativos grandiosos ou mesmo deficitários. A causa disso era o sucesso imprevisto em muitas empreitadas, que lhes insinuava a força da esperança (4.65.4).

A constatação final entrelaça ao menos três chaves explicativas que definem vieses trágicos inerentes à etiologia historiográfica tucidideana: a necessidade de apontar uma *aitía* define a *eupragía parà lógon* recorrente como a fonte donde se nutre o elemento irracional a embasar decisões precipitadas, quando não desastrosas: *iskhḗn tēs elpídos*. A tal elemento constante virá se somar outro, oito anos depois, igualmente fortuito, e que só engrossará o já alentado caudal que arrastaria todos os atenienses à fatídica empreitada: a *apáte* com que os egestanos impressionam os atenienses, levando-lhes a crer que possuíam recursos suficientes para custear a expedição quando, na realidade, apenas simulavam tê-los (6.8.2; 6.46). Por eles incitados e ávidos por dominar toda a ilha pretextando socorrer aliados congêneres (6.6)³, em 415 qualquer tentativa de dissuadir os atenienses de navegar enfrentará enormes obstáculos, admitindo-se fossem transponíveis. Por outras palavras: uma *aitía* imponderável e de fundamentos frágeis se tornará ainda mais inconstante quando combinada também a virtualidades sedutoras — sucessos recorrentes e imprevistos, esperanças sempre renovadas e reforçadas, e enganos convincentes, são todos elementos *parà lógon* e fictícios, porque assentados em impressões coletivas antes que em realidades factuais.

Eletrizada por expectativas até então sem precedentes e inacessíveis a cálculos embasados que lhe servissem de contrapeso, a opinião pública ateniense estava pronta a acolher a liderança que lhe pudesse vocalizar os anseios apontando a via supostamente fácil, rápida e segura de vê-los concretizados. A antilogia entre Nícias e Alcibíades (6.8-26), último passo antes da expedição e que acabou por legitimá-la, não apenas escancara o embate entre dois pontos de vista antagônicos que qualificam os fatores a referendar um lado em detrimento do outro. Antes, se examinados nos limites da moldura traçada pela *aitía* apontada pelo historiador, tais fatores acabam por desenhar uma questão que demanda análise ainda mais detida, porque tão somente sugerida pelo texto de Tucídides: se a prática da verdade é elemento-chave da manutenção da democracia, seria o círculo vicioso da mentira, sobretudo

³ LAMARI (2013) 297.

quando afrouxado por ficções recorrentes, o primeiro indício de *stásis* de uma pólis, a primeira iniciativa rumo à *katálysis* de um sistema político, ou mesmo a garantia de futura e completa *anomía*? Quais reflexões se poderia extrair desse fenômeno que pudessem auxiliar a melhor compreender análogos problemas contemporâneos?

A fim de examinar tais problemas, a sequência deste texto está subdividida em três partes: na próxima são discutidos os argumentos de Nícias e Alcibíades à luz da *aitía* que lhes confere sentido. Na segunda, é discutida a questão dos limites operacionais da democracia ateniense diretamente atingidos pela antilogia. Na parte final serão ponderados alguns problemas contemporâneos análogos após uma breve e pontual discussão sobre passos-chave da narrativa da *stásis* em Corcira (3.69-83), fundamental pelo contraste que estabelece com aquela antilogia e, de modo mais abrangente, por também tocar na questão dos referidos limites da democracia⁴. Democracias representativas têm no estabelecimento consensual de limites o mecanismo por excelência de sua própria preservação — do contrário qualquer excesso de alguma das partes envolvidas poderia arruiná-la por dentro — e partilham com democracias diretas, como a ateniense (em que teoricamente o único limite operacional para um membro da assembleia era o de precisamente não propor a dissolução da própria democracia (passível de imputação de *graphè paránomon*), outros procedimentos cuja observância garantia sua manutenção. Aspirar à autocracia, abusar de poder econômico em benefício próprio, por em prática um conjunto de mudanças que, quando vistas por seus resultados combinados, dariam ensejo a uma democracia de fachada ou a uma potencial anarquia, distorcer ou forjar informações em benefício de um projeto de poder escuso são alguns desses limites que, muito embora nem

⁴ S. CASSESE (2017) 32 examina o problema dos limites de democracias modernas, em especial da italiana: a noção também poderia perfeitamente ser aplicada à ateniense, uma vez que se trata da condição mesma de existência de qualquer democracia. No caso ora em exame, o foco da discussão procurará sempre incidir sobre os operadores internos da democracia ateniense, não sobre o que poderia cercear seu exercício *de fora* (como uma derrota militar, por exemplo). A questão dos limites e excessos não escapou tampouco a autores antigos como Platão, Aristóteles ou Políbio, por exemplo. Discussão e referências em MUSTI (2013) 21-34 e PETRUCCIANI (2014) 40-59. Para a tipologia de outros tipos de limites, cf. CASSESE (2017) 6-7.

sempre respeitados ou identificados a tempo, eram, como ainda são, objeto de constante atenção por parte de determinadas parcelas dos cidadãos.

II

Reverberando o que já fora introdutivamente advertido pelo próprio historiador (6.8.2), Nícias denuncia a mentira especiosa dos egestanos (6.9.1; 6.12.1-2; 6.17.5) que toma proporções de realidade ante o ímpeto voluntarista (6.10.1, 5; 6.12.1; 6.13.1; 6.15.2-3; 6.16.2, 6; 6.18.2; 6.19.2; 6.20.1; 6.24.2, 4), potencialmente tirânico (6.11.7; 6.15.4; 6.18.3-4; 6.24.1) e confessadamente insensato (6.16.3; 6.17.1) de Alcibíades, dos próprios atenienses e de quem porventura os incitava à expedição. Nícias tenta apresentar-se como a voz da ponderação moderada (6.9.1; 6.10.5; 6.11.6-7; 6.21.2; 6.23.3), fundada no cálculo previdente (6.13.1; 6.21.1), que busca restringir ao mínimo a efetivação de fatores contingentes (6.11.6; 6.23.3)⁵: porém contra a megalomania (6.16.4) autodeclarada de Alcibíades, pouca eficácia terão o receio (6.15.4; 6.21.1; 6.23.3) e a tranquilidade (6.10.2; 6.18.2-3, 6; 6.25.1-2) indigitados quase em tom de zombaria, e tampouco a indisposição de Nícias (6.8.4; 6.23.3; 6.25.2) para ser um dos três plenipotenciários a cargo da empreitada. Quando o desejo irrefreável se abate sobre toda a cidade (6.24.2), restava a Nícias apenas a alternativa de renunciar ao comando ou assumi-lo a contragosto, e ele não se recusa a aceitar.

O momento narrado por Tucídides é particularmente instigante para se pensar o funcionamento de uma democracia direta como a ateniense, sobretudo se observado à luz de um condicionante fundamental explicitamente mencionado por ambos os litigantes e destacado logo ao início pelo próprio historiador: nem Nícias nem Alcibíades possuíam qualquer informação de primeira mão sobre a Sicília. Ao contrário, ambos alegam basear-se apenas naquilo que “ouvíram dizer” (6.16.6; 6.20.2). Ambas as reações, portanto, assim como as dos demais atenienses (6.8.2) presentes às duas assembleias, decorrem de impressões forjadas tão somente a partir de relatos alheios, isto é, são fruto de ficções mais ou menos críveis, que se reforçam ou enfraquecem mutuamente a depender do ambiente que lhes seja mais ou menos favorável. E sabemos que havia pelo menos oito anos os atenienses

⁵ SEBASTIANI (2018a).

estavam predispostos a ver como possível e previsível a conquista da ilha. Embora verdadeiras, porque confirmadas pelo posterior fracasso completo que inclusive redundará na morte do comandante, as reações de Nícias são tomadas como infundadas e excessivamente temerosas por aqueles embalados pela ficção da possibilidade. E precisamente porque equivocadas, senão mesmo absurdas, mas em linha com expectativas generalizadas e sempre crescentes, que culminam no *erôs* a abater-se sobre todos os concidadãos logo após a decisão fatídica, as proposições de Alcibíades servem de combustível a inflamar ainda mais passionalidades já havia muito incandescentes.

Por outras palavras, uma ficção inicial se reforça quando amparada por outras que a amplifiquem, sobretudo quando tais outras parecem fiar-se numa realidade cujo suposto conhecimento só faz espicaçar o desejo de quem já está ávido por ver aquela ficção concretizada. Ao invés de alternativa, a conjectura enunciada por Nícias acaba por tão somente legitimar e recomendar aquilo mesmo que se esforçava por combater. No embate das deliberações democráticas, estaria a verdade, e, portanto, as consequências negativas evitáveis, condenadas a manifestar-se apenas ao final do processo, quando já irreversível, e perfazendo assim o paradoxo de uma verdade que, a despeito, ou em função, de sê-lo, não pode ser constatada durante, mas tão só quando plenamente manifesta? E a ficção, como forçosa contrapartida, estará sempre à dianteira triunfante, ganhando mais e mais terreno e semeando sempre maiores desgraças enquanto a verdade não se manifeste por completo? Estaria, enfim, uma democracia fadada ao colapso quando uma mentira de base dá início a um amplo movimento coletivo embalado por expectativas atabalhoadas e necessariamente infundadas? Será esse tipo de ficção inflamável o sinal mais evidente de que uma sociedade atingiu o limite mais frágil, e por isso o que mais cuidadosamente deveria ser preservado, de sua democracia?

É obviamente fácil julgar e especular sobre futuros passados⁶, como num laboratório, com base no *hindsight* que nos é inerente; toda a dificuldade estava, ao contrário, como está sempre, em definir no calor do momento qual

⁶ GRETHLEIN (2014).

linha de conduta adotar, identificando a partir de que ângulo se observa o mundo e como se calibram possibilidades e expectativas — precisamente o que Nícias parecia fazer na ocasião. Conservador experimentado, sabia ponderar riscos inerentes a uma expedição de tamanha envergadura e podia intuir que mesmo uma vitória, se alcançada, cobraria altíssimo preço. Alcibíades, ao contrário, limitava-se a instigar sonhos alheios tão somente para assim poder mais facilmente concretizar os próprios — alcançar prestígio e primazia (tirania?) na pólis. No embate entre versões, estaria a verdade condenada a sucumbir ante todas as demais para tão somente revelar-se ao fim, em meio às cinzas, para os pósteros?

Um olhar sobre os elementos sociais atraídos pela perspectiva de conquista da ilha talvez possa dar uma pista sobre por que o triunfo da versão de Alcibíades e daqueles que advogavam pela expedição, ainda mais quando aparentemente secundada pelas advertências prudentes de Nícias, foi tão contundente. Ainda que o historiador não elenque seus concidadãos segundo critérios sócio-econômicos, mas por uma combinação de faixa etária e ofício desempenhado, no momento em que *o desejo de navegar se abateu sobre todos igualmente* (6.24.3), ele enfatiza, entretanto, que *a excessiva cobiça por mais* ou *a excessiva cobiça da maioria* (6.24.4: a frase é propositalmente ambígua) está por trás da motivação geral: os mais velhos entrevêm uma conquista adicional que, ainda por cima, não lesará Atenas; os adultos desejam a visão distante e o espetáculo, esperançosos de que estariam a salvo; *a grande multidão e os soldados* (desejava navegar) *para obter dinheiro no momento e ainda por cima conquistar uma potência de onde se poderia auferir estipêndio eterno* (6.24.3). Esta última faixa de cidadãos, formada por indivíduos que sobrevivem do imperialismo ateniense e dos mecanismos e capacidades redistributivos de sua democracia⁷ — faixa que poderia perfeitamente sobrepor-se às outras duas,

⁷ “[A] conflict which expressed itself particularly in a political opposition between, on the one hand, rich citizens, who felt victimized by the democratic *polis*, the role it gave banausics, its redistributive function extracting funds from the rich and conferring public payments on the poor; and, on the other hand, poorer citizens who stood to gain from the institutions of the democracy, its checks on the rich and its diversion of surplus-product to subsidize the political and judicial activities of the poor”: WOOD in PATRIQUIN (2012) 103. Cf. também PETRUCCIANI (2014) 30.

uma vez que não traz qualquer discriminação etária — e sua motivação material imediata e futura, talvez expliquem por que a incitação à expedição fora tão convincente e percebida como coerente, especialmente porque se estava diante de uma possibilidade desconhecida, intuída e havia muito instilada no imaginário coletivo da cidade. Por outras palavras, a Sicília significava ganhos materiais para esse imaginário que se retro-alimentava havia muito com impressões sempre mais instigantes; e a leviandade de Alcibíades, por sua vez, passava por simplificação necessária ante os empecilhos elencados pela parte contrária, empecilhos que, verdadeiros ou não, terminariam por tão somente reforçar a decisão de um corpo cívico já ávido por arriscar-se.

O caráter simplificador da proposta de Alcibíades radicava, por sua vez, em uma percepção muito mais antiga e generalizada, anterior mesmo ao próprio conflito narrado por Tucídides, e não por acaso vocalizada pelo historiador em vários momentos-chave da obra: a necessidade da contínua e ativa expansão da *arkhé* ateniense como garantia de sua própria manutenção, sendo qualquer forma de inatividade ou ponderação um sinal que seus adversários inequivocamente interpretariam como de fraqueza. A ideia aparece pela primeira vez na boca dos embaixadores coríntios na “Conferência de Esparta” (1.70), é reiterada depois por Péricles no *Epitáfio* (2.40.4), e escancara seu viés mais truculento, com todas as consequências nefastas para a parte submetida, no “Diálogo entre mélios e atenienses” (5.89-97). Em sua peroração (6.18), Alcibíades reitera tais argumentos tradicionais, novamente instilando na audiência a percepção de que lhes compete por natureza a expansão, o exercício e o desfrute dessa *arkhé* que não pode estar sujeita a qualquer limitação. Por outras palavras, Alcibíades tão somente repisa justificativas para o uso da força e o desfrute das conquistas materiais que ela proporciona, simplificando para seus concidadãos a visão que já nutriam sobre si próprios. A tentativa de alteração do *status questionis* proposta por Nícias numa segunda assembleia que se reunia para discutir já sobre preparativos e partida, não mais sobre se a Sicília deveria ou não ser atacada (6.8.3), está de saída fadada a ironicamente reforçar os argumentos da parte contrária, assim como sua segunda intervenção após a fala de Alcibíades — Nícias perderá o

kairós, daí o resultado de sua intervenção oposto ao esperado⁸. Sobre os complicadores ponderados triunfa a simplificação imediata; contra a manutenção de uma paz que talvez beneficiasse sobretudo grandes proprietários e negociantes, a parcela de cidadãos engajada no exército e na marinha, que se fazia representar em maioria nas assembleias, tinha na guerra permanente seu meio de subsistência⁹. E não por acaso secundou o parecer de Alcibiades, terminando por instar Nícias a agir com máxima urgência (6.25.1). A eventual veracidade das ponderações de Nícias sequer é debatida ou mesmo intuída, mas prevalece o reflexo sedutor novamente reforçado, agora por Alcibiades.

Num embate em que todas as polaridades parecem invertidas ou distorcidas — as causas em verdade são pretextos, a prudência veraz é deixada de lado pelo engodo sedutor — também os posicionamentos dos dois rivais contradizem com os atos aquilo que verbalmente enunciam. Antes que precipitação e leviandade, a fala de Alcibiades parece talhada na medida para justamente reforçar entre os concidadãos o argumento já então predominante e único com força de manter vivo o ímpeto da expedição, não por acaso utilizado pelo historiador como sintetizador da conclusão do processo: o desejo de expandir a *arkhé*. Nícias, por sua vez, ao tentar reverter o parecer de uma primeira assembleia que já havia decidido pela expedição, parece falar de improviso, como se apostasse a última ficha num esforço desesperado para conseguir um lance salvador da *týkhe* no momento fatídico. Se a alegada precipitação inconsequente daquele é fruto do cálculo que se aproveita do momento, a ponderação deste, ainda que veraz, é ingênua e descabida,

⁸ TSAKMAKIS (2017) 274.

⁹ Ao contrário do mito de que escravos e metecos formavam a força de trabalho ateniense, H. Wood anota que “the distinctive characteristic of Athenian democracy was not the degree to which it was based on dependent labour, the labour of slaves, but on the contrary, the extent to which it *excluded* dependence from the sphere of production, that is, the extent to which production rested on free, independent labour, to the exclusion of labour in varying forms and degrees of juridical dependence or political subjection. Athenian slavery, then, must be explained in relation to other forms of labour which were *ruled out* by the democracy. It should be treated not as the productive base of the democracy, but rather as a form of dependence permitted and encouraged by a system of production dominated by free and independent producers, and growing, as it were, in the interstices of that system” (WOOD in PATRIQUIN (2012) 88-89; itálicos no original).

sobretudo quando coroada pela assunção do comando ao invés da renúncia ao seu exercício. De modo análogo ao que já ocorrera quando da *stásis* em Corcira, num momento de completa dissolução sócio-política que *depois se alastrou por todo o mundo grego* (3.82.1), momento em que *a costumeira significação dos nomes ante os fatos era arbitrariamente alterada* (3.82.4), também aqui o acúmulo de inversões éticas ou vocabulares talvez sinalize algo maior: estaria Atenas no princípio do fim de sua experiência democrática, um momento então claramente entrevisível, mas cuja percepção condenaria seus autores a algo como um complexo de Cassandra? Estaria a verdade da posição de Nícias condenada a ser percebida tão somente por ocasião da derrota completa, ou do golpe de Estado que se lhe seguiu?

Se tais questões tiverem resposta positiva, outras mais começam a se acumular e a demandar análise: de que modo uma democracia tal qual a ateniense poderia resistir a uma liderança tão persuasiva quanto por isso mesmo perigosa como Alcibíades? Como, por outras palavras, evitar a armadilha enquanto ainda há tempo e a despeito do ambiente maciçamente inclinado a ela?

III

Fruto de uma *poíesis* que se reafirma e repropõe a cada decisão tomada¹⁰, a democracia ateniense se equilibrava permanentemente entre noções e práticas que a faziam funcionar, de um lado, e iniciativas que, em situações extremas, podiam mesmo chegar a suprimi-la por completo, de outro — não por acaso a primeira iniciativa dos oligarcas de 411 na assembleia de Colono foi justamente a Supressão do direito de imputação da *graphè paranómon* (8.67.2), assim legitimando de antemão mesmo a proposição de *katálysis* da democracia, como efetivamente se deu¹¹. Um dos limites da democracia ateniense, senão o mais importante deles, era precisamente esse, o ser capaz de mobilizar instrumentos para colocar-se a si mesma a salvo de si mesma, isto é, o não sucumbir ao paradoxo inerente a toda democracia, o de

¹⁰ SEBASTIANI (2018b); SEBASTIANI (2018c); SEBASTIANI *et alii* (2018).

¹¹ SEBASTIANI (2018c); BEARZOT (2013); TUCI (2013).

livremente fomentar os meios para a autodestruição¹². E era precisamente contra esse limite que a fala de Alcibíades potencialmente atentava, daí a importância de se perceber as intervenções de Nícias nesse quadro maior: não se debatia apenas uma expedição rumo ao desconhecido, como a própria existência da pólis estava em xeque. Se as intervenções de Nícias podem ser ditas tentativas de pôr um freio ao excesso de confiança interno mediante a advertência do perigo externo, a de Alcibíades, por sua vez, coleciona diversas tentativas de infração de limites operacionais da democracia ateniense — tentativas que se buscará identificar e discutir nesta seção.

A sequência dos eventos narrados por Tucídides após o desastre na Sicília embasa a ideia de que Alcibíades teria desempenhado um papel semelhante ao de um demagogo falastrão e irresponsável à maneira de Cléon no episódio da paz com os espartanos e da assunção do comando em Pilos (4.21.3 e 4.27-28). Embora temido e hostilizado por *hoi polloi* (lit., “a multidão”) devido a seu estilo de vida e por ser um eventual aspirante à tirania, quando advoga uma expedição fácil contra a riquíssima Sicília Alcibíades vê sua proposta pronta e efusivamente acolhida (6.15-19) por todo o *dêmos*. A expedição acarretará, porém, o maior desastre militar da história de Atenas em 412 e não foi a primeira nem a única ocasião em que Alcibíades agiu focado apenas em interesses pessoais em detrimento da cidade. Também no episódio dos embaixadores argivos (5.43-46), de sua condição de processado (6.28-29, 6.53), fugitivo (6.61) e refugiado (6.88-92 — em Esparta; 8.12 e 8.17 — na Jônia), sua atuação camaleônica junto a seus próprios concidadãos e ao sátrapa persa Tissafernes (como advertido lucidamente por Frínico em 8.48) aproximava sua figura daquela do demagogo salvador que pouco depois se revela deletério¹³.

Após a derrota completa da expedição (8.1-2), em 412/1 Atenas se encontrava em uma conjuntura político-econômica particularmente delicada, resultante da conjugação dessa ocorrência com outras duas igualmente graves: o reforço da posição espartana em virtude da aliança com o Rei persa (*Ath.Pol.* 29.1) e a severa crise econômico-militar que se seguiu e se aprofundou com a defecção de Quios (8.14). No verão de 411 a cidade sofre o golpe

¹² Sobre limites da democracia e o problema da gênese do tirano em seu próprio seio, cf. LOPES (2018).

¹³ GRIBBLE (1999); RHODES (2011); STUTTARD (2018); *contra* FORDE (1989).

oligárquico que só é debelado quando, numa espécie de “governo no exílio” que não se conforma às decisões tomadas em Colono, os soldados reunidos em Samos organizam por iniciativa própria uma assembleia em que depõem comandantes e trierarcas suspeitos, elegem novos e passam imediatamente à ação, ironicamente apoiando-se no retorno de Alcibíades, contra os elementos considerados traidores da cidade (8.76)¹⁴. Quando ainda era estrategista, antes de tomar parte na articulação do golpe, o arguto Frínico teria intuído que as maquinações de Alcibíades e suas promessas de concertar uma aliança entre o Rei e Atenas não radicavam em qualquer preferência política: *não fazia mais caso de uma oligarquia que de uma democracia, nem mirava outra coisa senão de que modo poderia retornar, convocado por seus confrades, após provocar mudanças na cidade que então se mantinha em ordem* (ἐκ τοῦ παρόντος κόσμου); *e para os demais cidadãos, era contra isto mesmo que mais precisavam se precaver: que não entrassem em guerra civil* (ὅπως μὴ στασιάζωσιν) (8.48.4). A derrota, por outras palavras, precipita Atenas numa situação de *stásis* que por pouco não acabou como em Corcira, com a dissolução completa do tecido social.

As ironias que desembocarão nessa *stásis*, entretanto, não param por aí. Outro dos limites da democracia ateniense pode ser percebido no quiasmo formado entre intenções e meios para executá-las. O parecer de Alcibíades tão somente reforça e amplifica o que já havia sido decidido pela pólis em assembleia cinco dias antes da segunda, a fatídica. O mesmo Nícias, por outro lado, que morrera ignominiosamente degolado na Sicília (7.86.2) exercendo até o fim um comando contra a própria vontade, é quem havia sugerido ao prítane presidente da segunda assembleia *não haver culpa em romper as leis*¹⁵ *diante de tantas testemunhas se o fim visado fosse o de fazer-se médico de uma cidade que havia deliberado mal* (6.14.1), assim paradoxalmente propondo a manutenção do κόσμος da pólis mediante a ruptura da legalidade com vistas a um bem maior. A salvação parecia dependente de uma “transgressão lícita” das leis, enquanto a ruína certa adviria tão somente pelo ferrenho apego a elas em momento crítico. A observação de Nícias questiona se vale a pena

¹⁴ SEBASTIANI (2018b).

¹⁵ λύειν τοὺς νόμους, porque se estaria a votar novamente algo já antes decidido em assembleia prévia.

aferrar-se à legalidade estrita, ainda que deletéria, quando paira no horizonte não apenas a ameaça da *anomia* (2.53.1) como, sobretudo, a possibilidade de um demagogo que se vangloria da própria *ánoia* fazer da pólis instrumento para satisfação de seus interesses e daqueles das confrarias que encabeçava ou representava, assim pondo em xeque as concepções então corrente de benefício e dano coletivos.

Outro limite ainda diz respeito ao tipo de *metabolé* que a agência de uma liderança é capaz de produzir. Alcibíades (6.17.3) insiste que as cidades da Sicília estariam já predispostas a mudar de ordenamento tão logo os atenienses invadissem a ilha; Nícias (6.20.2), por outro lado, rebaterá a ideia. Porém à observação de Alcibíades de que *uma cidade não inativa se destruirá se passa à inatividade* (6.18.7) Nícias nada opõe senão a descrição da grandiosidade das exigências da futura expedição. Por outras palavras, a mudança sugerida pelo líder ambicioso é tão somente aparente para quem nela se engaja, pois se visa justamente à preservação dos meios materiais dos soldados, almeja, acima de tudo, o acréscimo de poderio e prestígio do próprio líder e de seu grupo. Já o aparente conservadorismo de Nícias implicaria, se triunfante, uma mudança radical, para sentido oposto, da percepção coletiva da parcela majoritária dos atenienses que ao menos desde o início da guerra acreditava na expansão contínua da *arkhé* como meio permanente de reafirmação de seu próprio poderio.

Dois outros pontos retratam ainda dois tipos de limites deliberadamente postos em xeque por afirmações de Alcibíades. O primeiro diz respeito ao uso de seu poderio econômico visando alcançar um tipo de distinção nada democrática no interior da pólis, declaradamente forjando diferenciações de caráter sócio-econômico entre si e seus concidadãos que supostamente lhe garantiriam, por extensão, o direito a servir-se de uma decisão em assembleia como melhor lhe aprouvesse (6.16). Não se trata apenas de conseguir persuadir ou não uma determinada assembleia: a fala de Alcibíades revela alguém que compreende a si mesmo, e se comporta, como usufrutuário da democracia antes que como cidadão, isto é, como alguém que se encontra em posição de fruir de tudo aquilo que a democracia pode lhe proporcionar, como se por ela só fosse contemplado por esse ângulo, o dos direitos e benefícios, mas não pelo dos deveres.

O segundo ponto diz respeito à extrema simplificação de posições por ele proposta. Desconsiderando outras advertências sobre o perigo da expedição, Alcibíades se empenha por reduzir o embate com Nícias a mera diferença binária de posturas derivada de caracteres individuais: ao seu empenho e bravura contrasta a suposta inatividade de Nícias (6.18.6). Com isso, distorce ou forja informações em benefício de um projeto de poder até então escuso, não enunciado e que tão somente em aparência beneficiaria seus executores diretos (marinheiros e soldados). Ambos os pontos somados, os atentados de Alcibíades contra os limites da democracia ateniense miram todos para um mesmo ponto: a tentativa de por em xeque a própria democracia a favor da realização potencialmente autocrática dos desígnios de seu propositor.

IV

O episódio da *stásis* em Corcira (3.69-83) ilustra um outro modo segundo o qual uma democracia pode arruinar a si própria por dentro: quando duas facções, no caso o *dêmos* apoiado pelos atenienses e os *olígoi*, pelos lacedemônios, disputam acirradamente o controle da cidade, não conseguem — talvez sequer se empenhassem — chegar a qualquer tipo de acordo, e terminam por aniquilar-se mutuamente em uma luta fratricida cujas consequências acabam por se espalhar por todo um arco geopolítico bastante mais amplo — toda a Grécia, como descreve o historiador (3.81.4-82.1), é acometida por “toda forma de maleficência” (3.83.1).

Não é somente, porém, a disputa intestina entre facções, partidos ou grupos sociais que podem levar à dissolução de uma democracia. Se lidos a contrapelo, os métodos de que se serviu Alcibíades para minar os limites da democracia ateniense também definem os principais caminhos pelos quais não raro transitam demagogos ávidos para servir-se do poder a qualquer preço e em benefício dos seus. Pela ordem em que foram apresentados, são três:

a) inversão do princípio da inocência, ou justificação dos meios pelos fins: justifica-se a ruptura da ordem legal pretextando-se um bem maior (no caso de Atenas, a expansão da *arkhé* em 415 ou a *sotería* da cidade em 411) em nome do qual qualquer agente pode ser considerado culpado, e consequentemente passível de punição (como ocorrerá com Terâmenes, por exemplo, em 411, quando será acusado de traição, e novamente em 404, quando

será arbitrariamente condenado à morte pelos Trinta), até que se prove sua inocência;

b) instrumentalização do sistema por via de manipulação econômica: tanto em 415 (alegando que sua riqueza é antes um estímulo que um óbice) quanto em 411 (pretextando intimidade com o sátrapa Tissafernes) Alcibíades usará de seu prestígio e riqueza para conseguir a aprovação de seus planos junto a seus concidadãos, assim subordinando a cidade à própria vontade;

e c) simplificação ideológica: decorrência direta dos dois anteriores, esse método permite ao líder ambicioso apresentar como factível — e palatável — aos olhos de quem eventualmente o apóie as iniciativas que propõe, ainda quando, se devidamente examinadas, venham a se mostrar diametralmente opostas aos interesses de tais apoiadores — principalmente no caso da expedição contra a Sicília, os atenienses aceitam de modo praticamente acrítico dar um “salto no abismo”, isto é, lançar-se numa empreitada sem noções mínimas e sólidas dos tamanhos riscos envolvidos.

Subjacente a essas três práticas pode-se encontrar um traço comum: o jogo de aparências, mentiras ou virtualidades embasado em pretextos frágeis, porém convincentes. A fim de se justificar a expansão da *arkhé*, Alcibíades instiga a cobiça e a ganância dos concidadãos fiado em informações falsas, ou sequer minimamente averiguadas, sobre as riquezas (exageradas), dimensões e poderio (subestimados) da Sicília; depois, em 411, serve-se de expedientes e promessas infundados tão somente visando retornar à cidade e, eventualmente, fazer-se seu líder. Sua atuação, assim, configura talvez o momento mais perigoso vivido por Atenas no intervalo de um século desde a introdução da reforma democrática clistênica em que a manipulação consciente da mentira tenha feito a democracia refém, chegando mesmo a pôr em xeque sua existência.

No preâmbulo à fala de Alcibíades no embate contra Nícias, Tucídides enuncia uma constatação que valia não tanto para a ocasião como para o futuro, quando aquele já se teria tornado odioso aos contemporâneos por imbricar seus desmandos privados nos assuntos públicos, assim contribuindo grandemente para a ruína da cidade (6.15): o historiador qualifica taxativamente tal postura como aspiração à tirania (ὡς τυραννίδος ἐπιθυμοῦντι — 6.15.4). Diferentemente de outros tiranos, porém, ou demais aspirantes a

autocratas, em nenhum momento Alcibíades pretende valer-se da via armada para a conquista e manutenção do poder. Ao contrário, é pelas vias legais, ou ao menos por seus arremedos aparentes, que Alcibíades parece ter tentado pavimentar o caminho rumo a uma eventual tirania. Por outras palavras, pode-se ver em curso em suas iniciativas um tipo de atentado contra os limites da democracia que parte de seu próprio seio, valendo-se de seus próprios meios e aspirando à sua submissão voluntária: a autocracia obtida por vias (por vezes aparentemente) legais, paradoxo (por vezes ameaça) manifesto em democracias dos séculos XX e XXI, lado a lado com sua dissolução por vias violentas¹⁶.

Após a fala de Alcibíades, os atenienses se mostraram *ainda mais inclinados à expedição* (πολλῶ μᾶλλον ἢ πρότερον ὤρμηγτο στρατεύειν — 6.19.2), observação repetida ao fim da segunda tentativa de dissuasão por parte de Nícias (πολὺ δὲ μᾶλλον ὤρμηγτο — 6.24.2). Ao fim e ao cabo, *todos se virem tomados igualmente por intenso desejo de navegar* (ἔρως ἐνέπεσε τοῖς πᾶσιν ὁμοίως ἐκπλεῦσαι — 6.24.3) e a expedição se fez por *excessiva cobiça por mais* ou *excessiva cobiça da maioria* (διὰ τὴν ἄγαν τῶν πλεόνων ἐπιθυμίαν — 6.24.4). Por outras palavras, o caminho trilhado por Alcibíades rumo à eventual consecução da autocracia passa pela mobilização dos afetos de seus concidadãos. Uma vez assenhoreado dos desejos alheios, que passa encarnar e a se fazer porta-voz, Alcibíades, como todo aspirante à autocracia, está praticamente livre para dar início à própria carreira fiado na certeza de que seus atos serão atribuídos à conta da satisfação daqueles desejos.

A conduta de Alcibíades tal qual narrada por Tucídides permite entrever um paradigma que não demoraria a ser descrito por seus traços fundamentais. Dentre as conclusões que se pode extrair dessa conjuntura, a comparação com um trecho da *anakýklosis* polibiana de constituições é particularmente significativo:

Enquanto sobrevivem alguns dos que experimentaram o abuso e a dominação, felizes com a situação presente têm em grande consideração a igualdade e liberdade de expressão; mas tão logo sobrevêm os jovens e a democracia, por sua vez, é transmitida aos filhos dos filhos, então não mais fazendo grande caso da igualdade e liberdade de expressão, porque habituais, buscam ter mais do que o povo, sobretudo os mais ricos.

¹⁶ Diversos exemplos discutidos em LEVITSKY e ZIBLATT (2018).

Em seguida, quando sucumbem ao amor pelo poder e não são capazes de obtê-lo por si mesmos ou por sua excelência pessoal, dilapidam o patrimônio, atraindo e corrompendo a multidão de todos os modos. Daí que, quando enfim tornam o povo ávido devorador de propina por conta de sua insensata voragem de fama, então a forma da democracia já está por sua vez dissolvida e convertida em violência e domínio da força. Tendo-se, pois, a massa acostumado a devorar o alheio e a nutrir esperanças de viver às custas de terceiros, quando encontra um líder arrogante e ousado mas privado das dignidades da constituição por conta da pobreza, então o domínio da força se consuma: ajuntando-se, ela então promove chacinas, exílios e redistribuição de terras, até que, reanimizada, novamente encontre um senhor e monarca¹⁷.

O primeiro trecho sublinhado descreve o momento em que, na visão do historiador aqueu, tem início a transição da forma positiva *demokratía* para sua congênera negativa, a violência pura e simples (*bía*) e o domínio da força (*kheirokratía*). Uma personagem acometida por *philarkhía*, isto é, pela ambição do mando, destrói o próprio patrimônio na tentativa de atrair para si apoio da opinião pública: tais observações descrevem à perfeição a trajetória de Alcibiades às vésperas da expedição contra a Sicília, bem como a de diversas outras lideranças que sequestram a democracia para consumação se suas ambições privadas. Examinando circunstância análoga relativa ao episódio da *stásis* em Corcira, Tucídides escreve que *a causa de tudo isso foi o poder fruto de cupidez e ambição: a partir dessas surge prontamente o sectarismo*¹⁸, isto é, iden-

¹⁷ Plb. 6.9.4-9: καὶ μέχρι μὲν ἂν ἔτι σφάζονται τινες τῶν ὑπεροχῆς καὶ δυναστείας πείραν εἰληφόντων, ἀσμενίζοντες τῇ παρουσίᾳ καταστάσει περὶ πλείστου ποιοῦνται τὴν ἰσηγορίαν καὶ τὴν παρρησίαν· ὅταν δ' ἐπιγένωνται νέοι καὶ παισὶ παιδῶν πάλιν ἡ δημοκρατία παραδοθῆ, τότε οὐκέτι διὰ τὸ σύνηθες ἐν μεγάλῳ τιθέμενοι τὸ τῆς ἰσηγορίας καὶ παρρησίας ζητοῦσι πλέον ἔχειν τῶν πολλῶν· μάλιστα δ' εἰς τοῦτ' ἐμπίπτουσιν οἱ ταῖς οὐσίαις ὑπερέχοντες. λοιπὸν ὅταν ὁρμήσωσιν ἐπὶ τὸ φιλαρχεῖν καὶ μὴ δύνωνται δι' αὐτῶν καὶ διὰ τῆς ἰδίας ἀρετῆς τυγχάνειν τούτων, διαφθείρουσι τὰς οὐσίας, δελεάζοντες καὶ λυμαινόμενοι τὰ πλήθη κατὰ πάντα τρόπον. ἔξ ὧν ὅταν ἅπαξ δωροδόκους καὶ δωροφάγους κατασκευάσωσι τοὺς πολλοὺς διὰ τὴν ἀφρονα δοξοφαγίαν, τότε ἤδη πάλιν τὸ μὲν τῆς δημοκρατίας καταλύεται, μεθίσταται δ' εἰς βίαν καὶ χειροκρατίαν ἢ δημοκρατία. συνειθισμένον γὰρ τὸ πλῆθος ἐσθίειν τὰ ἀλλότρια καὶ τὰς ἐλπίδας ἔχειν τοῦ ζῆν ἐπὶ τοῖς τῶν πέλας, ὅταν λάβῃ προστάτην μεγάλῳφρονα καὶ τολμηρόν, ἐκκλειόμενον δὲ διὰ πενίαν τῶν ἐν τῇ πολιτείᾳ τιμίων, τότε δὴ χειροκρατίαν ἀποτελεῖ, καὶ τότε συναθροισόμενον ποιεῖ σφαγὰς, φυγὰς, γῆς ἀναδασμούς, ἕως ἂν ἀποτεθριωμένον πάλιν εὖρη δεσπότην καὶ μονάρχον.

¹⁸ 3.82.8: πάντων δ' αὐτῶν αἴτιον ἀρχὴ ἢ διὰ πλεονεξίαν καὶ φιλοτιμίαν· ἐκ δ' αὐτῶν καὶ ἐς τὸ φιλονικεῖν καθισταμένων τὸ πρόθυμον.

tífica na *philotimía*, noção análoga à de *philarkhía*, um dos elementos centrais a desencadear situações de crise.

De modo análogo, a democracia ateniense viu-se logo depois, em função dos problemas desencadeados pela atuação de Alcibíades, às voltas com um desafio cuja derrota a poria à mercê de um golpe promovido por oligarquias apreensivas¹⁹. O segundo trecho sublinhado aponta a direção para onde também a democracia ateniense teria se encaminhada após o colapso militar na Sicília: privado de bens e da pátria, Alcibíades então é apenas um exilado arrogante e ousado que não hesita a pôr a própria cidade a prêmio para a realização de seus intentos e, assim, contribuir para a instauração de uma futura *kheirokratía* cada dia mais evidente no horizonte, até por fim consumir-se no processo contra os estrategos das Arginusas (em 406: X. *Hell.* 1.7) e o apontamento dos Trinta Tiranos (entre 404/3: X. *Hell.* 2.3-4). Uma última analogia talvez não seja de todo impertinente. Democracias contemporâneas nunca estiveram imunes a prestidigitadores mitômanos, hábeis em vociferar ódio contra discordantes, mas absolutamente ineptos para o trato da coisa pública, senão mesmo para a própria democracia. Constatar a semelhança de procedimentos é o primeiro passo para resistir ao potencial autocrata pelas vias que a própria democracia faculta: maior acuidade na percepção de distintos elementos e suas conexões sub-reptícias, muito mais do que as aparentes; maior democratização dos acessos a tais percepções; e, sobretudo, maior atenção a qualquer ensejo de repetição do erro uma vez advertido — semelhanças de postura talvez não sejam apenas meras coincidências.

Bibliografia

- BEARZOT, C. (2013), *Come si abbatte una democrazia. Tecniche di colpo di Stato nell'Atene antica*. Roma-Bari, Laterza. (ed. digital)
- CASSESE, S. (2017), *La democrazia e i suoi limiti*. Milano, Mondadori. (ed. digital)
- FORDE, S. (1989), *The Ambition to Rule. Alcibiades and the Politics of Imperialism in Thucydides*. Ithaca; London, Cornell University Press.
- GRETHLEIN, J. (2014), "Future Past'. Time and Teleology in (Ancient) Historiography": *H & T* 53 (2014) 309-330.

¹⁹ Discussão em SEBASTIANI (2018b) e (2018c).

- GRIBBLE, D. *Alcibiades and Athens. A Study in Literary Presentation*. Oxford: Clarendon Press, 1999.
- LAMARI, A. A. (2013), "Making Meaning: Cross-References and their Interpretation in Thucydides' Sicilian Narrative": TSAKMAKIS, A.; TAMIOLAKI, M. (coord) (2012), *Thucydides between History and Literature*. Berlin-Boston, De Gruyter, 287-307.
- LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. (coord) (2018), *How Democracies Die*. New York: Crown.
- LOPES, D. R. N. (2018), "O limite da democracia: o problema da tirania do ponto de vista psicológico em Heródoto e no *Édipo Rei*, de Sófocles": SEBASTIANI, B. B.; LEÃO, D. F.; SANO, L.; SOARES, M. T. M.; WERNER, C. (coord) (2018), *A poiesis da democracia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 325-352.
- MUSTI, D. (2013), *Demokratía. Origini di un'idea*. Roma-Bari, Laterza. (ed. digital)
- PATRIQUIN, L. (coord) (2012), *The Ellen Meiksins Wood Reader*. Leiden-Boston, Brill.
- PETRUCCIANI, S. (2014), *Democrazia*. Torino, Einaudi. (ed. digital)
- RHODES, P. J. (2011), *Alcibiades*. Barnsley, Pen & Sword Military.
- SEBASTIANI, B. B. (2018a), "L'ironie de Thucydide: le cas de Nicias": O. DEVILLERS & B. B. SEBASTIANI (coord) (2018), *Sources et modèles des historiens anciens*. Bordeaux, Ausonius, 53-63.
- SEBASTIANI, B. B. (2018b), "Atenas, 411: do golpe oligárquico à poiesis da democracia": SEBASTIANI, B. B.; LEÃO, D.; SANO, L.; SOARES, M.; WERNER, C. (coord) (2018), *A poiesis da democracia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 67-94.
- SEBASTIANI, B. B. (2018c), "The Coups of 411 and 404 in Athens: Thucydides and Xenophon on Conservative Turns": *GRBS* 58 (2018) 490-515.
- SEBASTIANI, B. B.; LEÃO, D.; SANO, L.; SOARES, M.; WERNER, C. (coord) (2018), *A poiesis da democracia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- STUTTARD, D. (2018), *Nemesis. Alcibiades and the Fall of Athens*. Cambridge; London, Harvard University Press.
- TSAKMAKIS, A. (2017), "Speeches": BALOT, R. K.; FORSDYKE, S.; FOSTER, E. (coord) (2017), *The Oxford Handbook of Thucydides*. Oxford, OUP, 267-281.
- TUCI, P. A. (2013), *La fragilità della democrazia. Manipolazione istituzionale ed eversione nel colpo di stato oligarchico del 411 a.C. ad Atene*. Milano, LED.

Resumo: A partir do apontamento de *aitíai* imprevisíveis que podem culminar em *katálysis* de uma democracia, a sequência do texto se subdivide em três partes: na segunda, são discutidos os argumentos de Nícias e Alcibíades na antilogia recriada em Th.6.8-26. Na terceira, é discutida a questão dos limites operacionais da democracia ateniense diretamente tocados pela antilogia. Na parte final são ponderados alguns problemas contemporâneos análogos após uma breve e pontual discussão sobre passos-chave da narrativa da *stásis* em Corcira (3.69-83).

Palavras-chave: Democracia; Tucídides; Alcibíades; Autocracia.

Resumen: A partir de la indicación de *aitíai* impredecibles que podrían dar lugar a la *katálysis* de una democracia, la secuencia de este texto se subdivide en otras tres secciones: en la segunda, se discuten los argumentos de Nicias y Alcibiades en la antilogía recreada en Th.6.8-26. En la tercera, se discute la cuestión de los límites operativos de la democracia ateniense directamente afectada por esa antilogía. En la parte final, problemas análogos contemporáneos se reflexionan después de una discusión breve y puntual sobre los pasos clave de la narrativa de la *stásis* en Corcira (3.69-83)

Palabras clave: Democracia; Tucídides; Alcibíades; Autocracia.

Résumé : À partir de l'indication d'*aitíai* imprévisibles qui pourraient entraîner la *katálysis* d'une démocratie, la séquence de ce texte se subdivide en trois autres sections : dans la seconde, on discute les arguments de Nicias et Alcibiade dans l'antilogie recréée en Th.6.8-26. Dans la troisième, on discute la question des limites opérationnelles de la démocratie athénienne directement affectée par cette antilogie. Dans la dernière partie, on réfléchit sur d'analogues problèmes contemporains, après une brève et ponctuelle discussion sur les étapes clés du récit de la *stásis* à Corcyre (3.69-83)

Mots-clés : Démocratie ; Thucydide ; Alcibiade ; Autocratie.